



> CAROLINA DE JESUS E OUTRAS CAROLINAS POSSÍVEIS EM “DAS NUVENS PRA BAIXO”

Elaine da Silva

> sva.elaine@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina



RESENHA

DAS NUVENS PRA BAIXO.

Direção: Eliska Altmann e Marco Antonio Gonçalves.
75 minutos. Brasil. 2015

“Das nuvens pra baixo” é um filme inspirado pela literatura e trajetória de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, favelada, catadora de papel e moradora da favela do Canindé, na São Paulo dos anos de 1960. Carolina, nas suas saídas em busca de papel para venda na cidade, guardava para si os eventuais cadernos que encontrava para, no final do dia, poder escrever e desabafar seus acontecimentos e dificuldades diárias. Em meio ao contexto difícil, precário e de um povo invisibilizado e marginalizado pelo poder público, a catadora fazia da sua escrita um modo de sobrevivência como um grande desabafo político sobre seu sofrimento e, principalmente, sobre a fome. Como catadora e favelada na década de 1960, encontra no seu momento de escrita o único meio de mobilização e revolta de sua condição social e vai contra qualquer configuração e expectativa da sociedade brasileira da época, sendo descoberta e se tornando a pri-

meira escritora favelada do Brasil, com o livro *Quarto de Despejo*, traduzido em 13 línguas e vendido em mais de 40 países.

É por meio da literatura de Carolina que temos a possibilidade de ver, pela primeira vez, a favela descrita de dentro, por quem vive intensamente essa condição. Algumas décadas depois, “Das nuvens pra baixo” nos mostra a atualidade de sua escrita com uma nova roupagem, e estabelece diálogos possíveis entre outras mulheres faveladas que podem, agora, contar suas histórias à câmera e externar suas alegrias, tristezas e desabafos.

O filme não se pretende como biográfico, mas busca aproximar a realidade de Carolina na favela do Canindé, em São Paulo nos anos 1960, à de outras seis mulheres que vivem na favela da Maré, no Rio de Janeiro em 2015. A direção e o roteiro são de Marco Antonio Gonçalves e Eliska Altmann. Marco é antropólogo, cineasta, professor titular de Antropologia do Departamento de Antropologia Cultural do IFCS-UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ e coordenador do Núcleo de Experimentação em Etnografia e Imagem (Nextimagem). Eliska é socióloga e documentarista, professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, além disso, trabalhou como pesquisadora para documentários, entre eles, “Edifício Master”, de Eduardo Coutinho.

Dada a parceria, foram 14 meses de convivência dos diretores na favela da Maré, conversando com diversas mulheres, direcionados pela mediação de Geandra, atriz, moradora da Maré, personagem principal e diretora de produção do filme. Ao fim, temos “as Carolinas da Maré”: Geandra, Iraci, Edilma, Maria da Paz, Vanessa e Genalda. Cada uma dessas mulheres parece carregar consigo uma faceta de Carolina de Jesus que vamos desvendando aos poucos, como se sentássemos em sua frente para ouvi-las, e vamos conhecendo ali e por elas mesmas suas vidas. Enquanto isso, a câmera adentra os espaços dos seus cotidianos, enfatizando os detalhes de suas casas, objetos pessoais, fotografias delas e de seus familiares espalhadas pelas salas. Os enquadramentos de suas salas e quartos demarcam a presença feminina do espaço. Assim, a câmera, como aponta MacDougall (2007), torna-se o instrumento de investigação pelo qual nós espectadores conhecemos essas mulheres e suas histórias entrelaçadas ao seu contexto periférico.

Se a escrita de Carolina se constituía como a automodelagem de sua pessoa, por meio da descrição da percepção de sua condição social e consciência de sua corporalidade e negritude (GONÇALVES, 2014), da mesma maneira, nos relatos do filme, essas mulheres modelam-se em suas narrativas orais exaltando a consciência e identidade de sua força feminina que emerge de suas vivências de faveladas, mães, empregadas domésticas, compositoras, imigrantes ou donas de bar. Geandra costura a continuidade entre as histórias interpretando trechos de *Quarto de Despejo*, enquanto a câmera perpassa de modo panorâmico as imagens da favela da Maré, como se as palavras que Carolina escreveu pudessem representar trajetórias de lutas comuns daquele espaço.

Todas elas têm dentro de si um pedaço de Carolina. Iraci, que compõe e interpreta

sambas enquanto trabalha de empregada doméstica, apresenta suas composições que falam de seu dia-a-dia, de seu passado, sua história. É o meio que ela encontra de falar de sua vida pela arte, assim como os diários de Carolina retratam cenas do seu cotidiano. E, pela sua vontade de ser cantora, acabou se tornando também catadora, juntou latinhas para conseguir gravar seu CD. Se Iraci canta “eu gosto de cantar para minha vida alegrar, eu gosto de cantar para a tristeza afastar”, Carolina escreve, pois “o seu diário era a prova de que Carolina tinha criado uma poderosa arma contra o seu sofrimento” (GONÇALVES, 2014, p. 36).

Ainda, tanto Iraci quanto Vanessa se opõem ao casamento, como Carolina que denuncia a violência doméstica que vê na favela e prefere permanecer independente com seus filhos, ao dizer que

a minha porta atualmente é teatro. Todas crianças jogam pedras, mas os meus filhos são os bodes expiatorios. Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade. Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vieneses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vidas de escravas indianas. Não casei e não estou descontente.¹ (JESUS, 2006, p. 14).

Do mesmo modo, há em Vanessa o mesmo sentimento e o mesmo discurso de independência, de recusa à figura masculina e preocupação com o futuro de seus filhos. Para ela, colocar um homem dentro de casa é sinônimo de insegurança, principalmente em relação aos filhos. Para Iraci, a recusa ao casamento é o sossego da independência.

Mais uma vez, Edilma é uma imigrante, assim como Carolina que sai de Minas Gerais para tentar a vida como doméstica em São Paulo, sua fala gira em torno de sua mudança e carrega uma nostalgia de sua terra natal. Já Maria da Paz faz da sua fala uma denúncia das injustiças sociais que vê no centro da cidade, enfatizando a fome. A fome é onipresente nos diários de Carolina, talvez seja o personagem principal de sua literatura. Na fala de Maria da Paz esse sofrimento aparece com o mesmo protagonismo que aparece em *Quarto de Despejo*. Daí, ambas compartilham o desejo de se tornarem ricas para um mesmo propósito: vencer a fome. Precisamente, Carolina para poder sair da favela e vencer a sua diária incerteza de ter comida à mesa ou não; e, em Maria da Paz que tenta regularmente a sorte nos jogos de loteria, para, quem sabe, poder pôr em prática o desejo de ajudar os famintos e desabrigados que convivem com essa mesma incerteza.

Concluindo, conhecemos Genalda que, enquanto cantava na igreja foi descoberta

1 As edições da obra de Carolina de Jesus mantêm a construção gramatical e ortografia original da autora, como proposto pelo seu editor Audálio Dantas.

por alguém que se responsabiliza pela gravação de seu CD, ganhando notoriedade na cena musical da Maré. Assim como o reconhecimento de Carolina só veio após ser descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, responsável pela compilação e publicação de seus escritos. Genalda agora tem o CD com suas composições de música gospel e, além disso, vende composições suas de *funk* para outros cantores que lhe garantem o sustento pela sua própria arte.

É com essas histórias que o filme retrata a cara da força e as estratégias femininas presente na Maré. Todas essas mulheres têm posicionamentos que retratam sua independência e a potência da figura feminina perante as precariedades encontradas em um contexto periférico, o que traz um olhar alegoricamente feminino e positivo da favela para o filme, distinguindo-o dos documentários que pretendem fazer exclusivamente algum tipo de denúncia social. Nesse sentido, “Das nuvens pra baixo” quebra a expectativa do espectador que pretende encontrar algum relato que caracterize a Maré como favela de forma negativa ou problemática, pelo contrário, é capaz de articular um olhar que a todo momento reafirma uma periferia feita por mulheres fortes e otimistas com o futuro. O protagonismo da figura feminina é foco de todo o roteiro, fugindo assim, como aponta sua sinopse, de temas como violência e dominação masculina. Não porque sejam equivocados ou menos importantes, mas por serem um recorte popularmente associado às comunidades periféricas, estigmatizando-as, já que estes recortes produzem interpretações para além do que a produção etnográfica/cinematográfica apresenta (CLIFFORD, 2011). Dessa maneira, o filme não pontua os pontos precários e a negligência do Estado em relação às esses espaços urbanos, mas sobe as escadarias e morros da Maré atrás de uma reformulação no olhar para além dessas questões que, inevitavelmente ecoam nos trechos narrados de Carolina de Jesus, mas não devem limitar a interpretação. O ponto de vista feminino e poético das “Carolinas da Maré” somado à visão crua e política de Carolina de Jesus faz com que o filme dialogue outras possibilidades de olhares não totalizantes sobre o tema. Como apresenta a sinopse, “suas falas e reflexões propiciam uma imagem que escapa da violência e da virilidade masculinas descortinando uma favela vivida literalmente como substantivo feminino”².

Para reforçar essa visão, além de ouvi-las, somos inseridos no contexto da comunidade participando de parte de seus trajetos diários pelas escadarias da Maré, nos ônibus, no bar de Edilma ou no trajeto das bancas de jogo de Maria da Paz. Seguindo o percurso da câmera nos deslocamos com elas nas caminhadas para reiterar uma abordagem que privilegia um cotidiano tranquilo e banal. Em outros momentos, a câmera simula como se olhássemos com os mesmos olhos dessas mulheres, construindo a cena de forma que o espectador possa se projetar em suas perspectivas, borrando as divisões entre as faveladas e o público por meio de um “conhecimento sensorial” (GONÇALVES, 2013, p. 11) de seus cotidianos. É assim que visualmente participamos de suas vidas: caminhamos pela Maré com Maria da Paz, andamos de moto com Vanessa ou nos maquiamos no espelho com Genalda. Essa

2 CINE CRÍTICOS. **Das nuvens pra baixo**. Disponível em: <<http://www.cinecriticos.com.br/dasnuvensprabaixo/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

sensorialidade faz com que a subjetividade das personagens seja somada à nossa percepção pela visão e deslocamento, nas cenas participamos daquele mesmo mundo periférico, de sua poética à banalidade cotidiana.

Entretanto, nos identificamos com essas mulheres, não só pela projeção sensorial que a câmera nos possibilita mas, em outros momentos, pela empatia, em alguma medida, “daquilo que existe no mundo como parâmetro da própria existência do espectador” (GONÇALVES, 2013, p. 14). Em sermos consideradas loucas como Iraci, na preocupação com os filhos de Vanessa, no inconformismo social ou na vontade de ascensão social de Maria da Paz, na postura que Edilma adota como mulher cuidando de um bar com público majoritariamente masculino ou nas decepções amorosas de Iraci ou Vanessa. Coloca-se a possibilidade de uma ponte entre Carolina, Carolinas e o público não-favelado, desconstruindo a ideia de uma periferia absurdamente negativa que deturpa o urbano.

Portanto, se para Carolina “a favela é escrita e descrita como fonte de seu sofrimento, como espaço da precariedade e do abandono que deveria ser superado para se alcançar a felicidade” (GONÇALVES, 2014, p. 29), em “Das nuvens pra baixo”, a favela é revista, por meio do poder da escrita de Carolina, como também um lugar de força e protagonismo feminino, criatividade, amizades, sentimento de comunidade e alegrias. Não se trata de uma mudança brusca na própria constituição das favelas no Brasil, embora sejam consideradas em contextos históricos, políticos e econômicos discrepantes e ainda hoje sejam constituídas de diversas problemáticas, mas, como afirma João Moreira Salles, o documentário é uma maneira de falar e se relacionar com o real que recai “não para a matéria, mas para o modo como o filme aborda a matéria” (SALLES, 2005, p. 65). Tanto o documentário, quanto a literatura de Carolina relacionam-se com a favela de maneiras diferentes. E, a delicadeza de “Das nuvens pra baixo” é nos mostrar como uma versão não exclui a outra. Há Carolinas que ainda passam fome, por certo; mas também, seguem sobrevivendo e sendo sujeitas de sua própria história.

REFERÊNCIAS

BLOG - **UNDER THE CLOUDS**. Disponível em: <<https://underthecloudsfilm.wordpress.com/>> Acesso em: 20 nov. 2017.

CINE CRÍTICOS. **Das nuvens pra baixo**. Disponível em: <<http://www.cinecriticos.com.br/dasnuvensprabaixo/>>. Acesso em: 20 nov. 2017

CLIFFORD, James. **Sobre a alegoria etnográfica**. In: **A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

GONÇALVES, Marco Antonio. **Pensamento sensorial: cinema, perspectiva e Antropologia**. [2013]. Disponível em: <https://www.academia.edu/30942718/Pensamento_Sensorial_Eisenstein_cinema_perspectiva_e_antropologia> Acesso em: 2 dez. 2017.

GONÇALVES, Marco Antonio. Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus). In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 21 - 47, jul./dez. 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 8. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

MACDOUGALL, David. O filme etnográfico. In: **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 16, p. 179 - 188, 2007.

SALLES, João Moreira. A dificuldade do documentário. In: MARTINS, José de S. *et al* (orgs). **O imaginário e o poético nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, p. 57 - 71, 2005.

Recebido em 06 de junho de 2018

Aprovado em 15 de abril de 2019